A ALMA DESILUDIDA HABITA *ÀS AVESSAS*

ENRIQUE MANDELBAUM*

RESUMO: A partir de uma leitura do livro *Às Aversas*, de J.-K. Huysmans, o autor realiza uma reflexão sobre o significado do conceito de decadência e sua vinculação com o esteticismo e com a desilusão quanto à razão, ao idealismo e à perfectibilidade humana.

PALAVRAS-CHAVE: Simbolismo; Decadentismo; Esteticismo

A leitura de *Às Aversas*¹ suscita a reflexão sobre o fenômeno da *decadência*, tal como encontra-se manifesto no decorrer do romance, ou nesse enquanto obra terminada.

O que é *decadência*? Pensar no termo promove ressonâncias com as idéias de declínio, queda e degradação. Um lamento deve ser parte de uma composição decadente. Ruínas podem ser uma das perspectivas à vista. Parece que o terreno em que estamos operando mantém-se em estreito contato com a fronteira da morte. Porém, a morte em si, o cessar absoluto, que bem poderia ser uma esperança – por que não? –, está aqui para sempre fora do alcance, seja como solução ou possibilidade. A *decadência*, por paradoxal que seja, alimenta-se da idéia de eternidade. Apenas aquele que sabe que irá permanecer apesar de tudo e contra tudo pode verdadeiramente erguer um lamento por algo que se esvai, que deixará de ser. E não se trata apenas de lamento, não é só nostalgia. A *decadência* não é um estado que vive mergulhado no passado. Ela ganha legitimidade por sentir o presente a correr irremediavelmente para ser tragado por um futuro que o abocanha por inteiro, sem o menor respeito ou consideração pelas colossais construções passadas. Não é medo do desconhecido. Este pode até ser amigável, quando simbolizado a partir de formas e modos tradicionais.

* Psicólogo e pós-graduando no Centro de Estudos Judaicos da USP.

(1) J.-K. HUYSMANS, *Às Aversas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

O problema parece estar no enfraquecimento dessas formas e modos, ao ponto de terem suas categorias de referência arranhadas. O que já estava estabelecido, os edifícios construídos com a argamassa do sangue que alinhava a história, as fachadas tão arduamente construídas com a dupla função de ostentar o poder conquistado e servir de barragem para o imperioso curso da história, abala-se com as polêmicas e discussões provenientes dos salões e galerias que sempre num início parecem ser amplos e confortáveis o suficiente para abrigar os mais variados interesses, pacificar os descontentes e promover uma *pax* necessária para a permanência, mas que agora se tornam desconfortáveis. Os móveis e utensílios, outrora amparados por uma aura de respeito, opulência e dignidade, mostram sinais de deterioração. Renovações são empreendidas, outros estilos sugeridos, até mesmo abre-se mão de certos procedimentos que de tão sólidos pareciam imutáveis. Tudo é feito, mas o tempo avança e o salão não mais oferece o conforto e o espaço necessários para o devido assentamento de tudo o que é preciso assentar. Chega-se a um ponto em que até os serviçais, anteriormente tão eficazes, parecem não dar mais conta dos procedimentos de conservação; aqui e ali, camadas de poeira depositam-se, nichos de desatenção soerguem-se da noite para o dia, transformando a opulência anterior em aparência e esta, em estratégia de pernas curtas. Não bastasse tudo isso, a balbúrdia das ruas incrementa-se, promovendo um ritmo que soa aos ouvidos dos arquitetos próximo do diabólico.

Mas, nesse cenário, nem tudo é declínio. A poltrona nova que ganhou lugar no velho e renovado salão serve de indício de que há lugar para novidades, e quem souber aproveitar a oportunidade e puder, o fará. Não leva muito tempo para surgirem novas fachadas, novos salões, até que um dia velho e novo entretécidos de forma indissociável desenhem uma paisagem, um lusco-fusco que é ao mesmo tempo crepúsculo e aurora. Tudo depende de quem olha e se está de chegada ou de partida. Aqui deve-se ser vago por necessidade. Sombras alongadas fazem parte, a luz está disposta num máximo de obliquidade. O próprio evento é rarefeito, o meio-dia abolido.

Todo esse caldo constitui-se num poderoso tônico capaz de formar o exemplo melhor acabado de uma alma desiludida. O estado de quem desse tônico faz uso diz que o efeito é pior até do que de uma alma penada. Esta ao menos é fruto de castigos estremecedores do Além. Já a alma desiludida é a vitória da banalidade sobre todo intento idealista. A desilusão tem como objeto o próprio homem. Não se trata apenas de um desconforto com uma ou outra possibilidade de ser do humano. Essa alma que temos em mente é esclarecida o suficiente para realizar um balanço da existência humana e concluir que essa existência tem um quê de desprezível. Se a faísca de uma força redentora ainda permanece, ela provém de alguns dos produtos gerados por esse homem – mas não propriamente dos produtos éticos ou morais. A história da moral e das leis deixa antever que nesse campo a verdade não passa de opinião ou ilusão. Quando muito, alguém de olhos abertos manterá aí a postura de um sofista, mas

desinteressado de qualquer ética, a não ser uma – aquela que nos arremessa a um outro campo, o da cultura, da criação artística. Mas esse campo agora é visto sob um prisma peculiar, uma vez que o desejo de usufruir é extremo, a ponto de tornar-se quase um vício – o do culto ao belo. A alma desiludida, qual um parasita, agarra-se com suas parcas unhas e dentes aos indícios de civilização que habitam aqui ou acolá. Ela escarva terrenos inóspitos à procura de uma porcelana fina, um afresco desgastado, um palimpsesto encorpado, alguma iluminura, brocados finamente trabalhados; desce aos porões mais esquecidos em busca de pergaminhos que contenham letras e palavras belamente trabalhadas; e nada supera o prazer de encontrar uma bela argumentação em latim. Nesse instante, a alma desiludida como por encanto é remetida a um mundo onde impera a virilidade, onde o homem pode pôr em marcha a sua vontade de forma livre, sem ter de permanecer restrito e subjugado diante de conveniências criadas para turvar a ação dessa vontade. Essa alma se reconhece viva apenas quando da fruição do belo, quando por entre suas entranhas sente fluir o suculento caldo composto pelas magníficas e sofisticadas peças de arte que constituem o único alimento capaz de saciá-la. A racionalidade tem pouco a oferecer aqui, dado que a própria razão é colocada em dúvida, uma vez que almeja o impossível. Idealismo também não serve: como permanecer iludido por algum projeto de construção de uma sociedade mais justa se a crença na perfectibilidade humana, ou seja, na capacidade inerente ao homem de melhorar, está aqui para sempre colocada sob suspeita? Resta apenas a fruição estética. Um modelo: Dom Giovanni, o da ópera de Mozart, mas nesse caso sem ter de se haver com o Comendador e seu espectro, que outorgam à ópera uma dimensão distante desta a que estamos nos referindo. Mas de qualquer maneira, Dom Giovanni, o degustador, o apreciador, o sedutor, sem qualquer empecilho, numa batalha incessante lança-se a transformar a vida em arte e fruição. Para fora da vida, ao menos da vida mundana, do comércio de palavras e produtos que entretecem o cotidiano de que é feita essa vida – esta parece ser a consigna.

Des Esseintes, o personagem de *As Avesas*, é um exilado. Sua Paris deixou de ser uma referência cultural para tornar-se uma referência para o prazer vulgar. Os cartazes de Toulouse-Lautrec retratando dançarinas e frequentadores da noite dão uma idéia do contexto que tomou conta da anteriormente chamada Cidade-Luz, no fim do século. Os ideais da revolução, as investidas políticas de 1848 a 1850, a conquista do sufrágio universal, tudo parecia desembocar num canção incessante. Karl Marx descreve o contexto de Paris na última metade do século XIX da seguinte maneira:

[...] repete-se em todos os círculos, desde a corte até o botequim mais caído, a mesma prostituição, a mesma fraude descarada, o mesmo afã por enriquecer, não mediante a produção, mas mediante a usurpação da riqueza alheia já criada. E notavelmente nas camadas mais altas da sociedade burguesa, propaga-se a desenfreada satisfação dos apetites mais malsãos e desordenados, que a cada passo chocam-se com

as próprias leis da burguesia; desenfreamento no qual, pela lei natural, irá buscar sua satisfação a riqueza proveniente do jogo, desenfreamento através do qual o prazer converte-se em vício, confluindo aí o dinheiro, o lodo e o sangue. A aristocracia financeira, igualmente em seus métodos de aquisição e em seus prazeres, não é mais do que o *renascimento do lumpemproletariado nas camadas mais altas da sociedade burguesa*.²

Des Esseintes, último representante de uma família nobre em decomposição, é uma alma desiludida com o estado das coisas. Um tédio imenso o oprime. Se bem que o autor nada fale sobre a vida prática, está claro que ele vive à margem do sistema produtivo, usufruindo de um capital herdado e mantendo a postura de um observador passivo da realidade, ao abdicar de qualquer atuação pessoal na cena política ou econômica vigente. O domínio burguês nesses anos em Paris tinha se completado, incorporando todo o espectro do poder político. À aristocracia cabia apenas o papel de financiar o Estado, tendo perdido o poder de decisão sobre sua administração e organização.

Fora do circuito da vida prática, des Esseintes passa a usufruir da última trincheira que lhe resta, ele mesmo. Sua educação jesuítica parece não ter correspondido ao intuito de prepará-lo para o mundo que agora o circunda, tendo se restringido a algo assim como um mimo que dera rédeas soltas a seus devaneios. Pouco a pouco, vai perdendo a esperança de encontrar algum vínculo criativo com outros, sejam esses escritores ou letrados. As mulheres eram para ele objetos de satisfação, através dos quais podia estimular seus sentidos e saciar seus apetites. Porém sempre o mesmo tédio imenso o oprimia, chegando a debilitar-se a sua saúde e exacerbar-se o seu sistema nervoso. Médicos são consultados, e atribuem o seu enfraquecimento à sua forma de vida. Ele tenta mudar, mas é tomado por desejos de amores excepcionais e prazeres anômalos. É então que piora de vez. E não bastasse isso, tantas farras e extravagâncias iam esgotando o seu patrimônio. Vende o castelo da família, coloca o dinheiro em fundo público e, com a renda proveniente desta aplicação, procura um nicho à margem de tudo isso, longe dessa humanidade que ele despreza. Sai de Paris e vai morar em Fontenay, onde adquire uma vivenda. Porém, a primeira coisa que põe nas malas é a sua nevrose, a perturbação das funções orgânicas que, mesmo sem qualquer lesão aparente, é motivadora de um terrível mal-estar. Doença estranha, essa. Algo de fantasmagórico faz parte dela. Não se apóia em nenhum substrato concreto, é impossível de ser apalpada. Porém sua presença, que de alguma maneira lembra a do Comendador na ópera *Dom Giovanni*, ronda e parece indicar o insucesso a que está exposta a sua existência.

Com a ida a Fontenay, tem início uma odisséia peculiar. Como aponta José Paulo Paes, algo de quixotesco está presente nesse herói que se lança à procura de um mundo que já não há. Porém, a procura de Dom Quixote,³ a nosso ver, vincula-o à humanidade. Talvez possamos dizer que Dom Quixote parte de onde des Esseintes chega. Quixote no início era um leitor, e sai à

(2) Karl MARX, *Las Luchas de Clases en Francia de 1848 a 1850*, Buenos Aires, Editorial Anteo, 1973. Tradução livre; grifos nossos.

(3) Miguel de CERVANTES, *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha*, Buenos Aires, Editorial Sopena Argentina, S.R.L., 1941.

realidade a fim de realizar ou encontrar os nobres e valorosos feitos das páginas escritas. Des Esseintes sabe que entre escritura e realidade não há ponte possível. O que é letra, o que é obra artística, o que é bom gosto não pertencem a essa realidade, nem conduzem a ela. Ao contrário, sua opção pelo esteticismo significa um rompimento com o humano. Não procuremos em *As Aversas* nada parecido com a ceia de Dom Quixote com os pastores, na qual o contexto que o fidalgo cria faz com que daqueles homens rústicos e corpulentos emergjam cantos e conversações que transformam a ceia, de um assado primitivo, num momento de beleza encantadora, em que o melhor do homem se faz presente. Já os minguados encontros de des Esseintes com a população, que em sua totalidade nunca ocorrem num contexto de igualdade – trata-se em sua maioria de serviçais, mulheres que flertam, rapazes ou crianças e vendedores –, são na verdade pretextos para marcar a mediocridade humana e o abandono a que todos estão sujeitos. Aliás, talvez seja este o intuito de Huysmans, o autor, ao nomear o seu livro *As Aversas*: colocar a obra de arte no sentido oposto ao que ela normalmente aponta. No lugar de engrandecer, no lugar de exaltar, ao invés de resgatar o humano, sinalizar e escarvar a ferida, indicando a distância a que o homem se encontra dos seus melhores projetos. Daí Baudelaire e Poe serem alguns dos autores mais queridos de des Esseintes. A alma revirada e mostrada em seus lados mais sombrios, se por um lado significa a aparente vitória de des Esseintes sobre os homens, ou pelo menos a justificativa da sua ação, para Huysmans é a maneira de servir aos homens de seu tempo, explicitando o vazio presente. Talvez seja este o motivo de sua ruptura com a escola de Zola e de sua opção pelo Simbolismo: *As Aversas* como estratégia de ação.

A odisséia de des Esseintes consiste em firmar-se o mais possível num único espaço: uma casa que contivesse uma biblioteca selecionada e todos os exemplares artísticos que materializassem sua opção estética, que parece ser a do próprio Huysmans. Inclui-se nessa empreitada a própria decoração da casa e até mesmo o *design* do mais simples utensílio. Nada é ao acaso. Tudo, nos mais ínfimos detalhes, é pensado na tentativa de realizar esse espaço estético. Ao contrário de Ulisses, a astúcia de des Esseintes é a de ser engolido pela sereia, mas não por qualquer uma. Ele quer viver no interior de uma sereia, mas o projeto é inviável. A nevrose não o deixa. Algo da dimensão existencial, que não é explicitada no livro mas apenas sugerida, mantém-se num vazio e não chega a ser satisfeito.

Essa odisséia peculiar tem paralelismos com a religiosidade – não tanto pela fé, mas sim pela estética do ritual. Des Esseintes opta por uma vida monástica, isolando-se do mundo num espaço espiritualmente delimitado no qual pudesse dar vazão à fruição de seu prazer estético. O interessante é acompanhar os paradoxos que vão emergindo e que acabam por derrotar o pobre des Esseintes. Ele foge do consumo desenfreado, mas aparece apenas como um consumidor. Na verdade, talvez, um dos fatores principais da sua nevrose esteja no fato de que no fundo ele seja estéril. Ele apenas aprecia o

belo, sem nada criar. A fruição do belo pode, sim, ser criativa, mas desde que acompanhada de um elemento a mais do que o mero reconhecimento. E este parece faltar em des Esseintes.

Outro paradoxo: como vimos, des Esseintes não suporta um mundo mercantilizado. Porém, as obras e peças todas de que dispõe em sua casa acabam por ser reduzidas à condição de mercadorias, ainda que envolvidas numa aura de singularidade. Não basta qualquer volume editado de Baudelaire. Ele tem de ser especialmente confeccionado por artesãos com tintas e papéis especialíssimos. E assim é com tudo. Há uma necessidade de propriedade e de demarcação de uma singularidade que beira o ridículo e transforma des Esseintes quase que num consumidor bizarro.

Outro paradoxo interessante: Huysmans constrói o seu romance às avessas da escola realista de Zola. Nesta, a obra apresentava os homens como produtos do meio. Aqui, o entorno é expressão do personagem. Porém, o interessante é que o personagem em si é alguém feito de incorporações. Ele é o degustador. O que ocorre é algo assim como um curto-circuito. Da rotina do personagem, à parte os momentos de leitura e apreciação da arte, o autor destaca em especial as refeições. E na verdade, à maneira de um Pantagruel, des Esseintes passa a vida devorando coisas. Seus problemas intestinais são enormes. A exigência com o alimento vai num crescendo que o leva a um estado próximo da anorexia. Eis aqui um livro sobre oralidade. Até o lugar, o ânus, por onde deveriam sair os produtos de uma alimentação, vira boca. No fim, ele alimenta-se pelo ânus. Idéia maluca, mas ele já tinha tentado o mesmo com outros órgãos: alimentar-se das essências de perfumes e flores exóticas, de imagens e letras clássicas, etc. Des Esseintes afirma a sua existência com o mesmo paradoxo presente nesses espectadores atuais que, dizendo adorar esportes, passam o dia sentados na poltrona assistindo a um canal esportivo.

Se o paradoxal é um dos aspectos que o autor explicita através do seu humor refinado, de uma certa ironia e do próprio curso desaventurado do personagem, o romance também cria paralelismos e estrutura-se através de certas linhas que comunicam seus diversos níveis entre si, fazendo com que um legitime o outro. Entre o autor, o personagem, as obras citadas e as cenas descritas existe uma cumplicidade que está a serviço da expressão de uma forma peculiar de escritura. Como aponta Richard Ellmann,⁴ *Às Avessas* tornou-se uma obra de referência para autores como Whistler, Wilde, George Moore e Arthur Symons, passando a ser a bíblia do Decadentismo. Apesar do personagem não ser um alter ego do autor, ele funciona como pretexto para que o último possa explicitar suas predileções e seu protesto. Daí o caráter vago do personagem, que é circunscrito não por uma linha firme, mas por um tênue pontilhado. Trata-se na verdade de um personagem *sui generis*, pois definitivamente nada ocorre com ele. Pelo menos nada do que se espera de um personagem. O romance tende a um imobilismo. A ação em si foi abolida. O que há são reflexões e descrições que não estão a serviço de provar a erudição

⁽⁴⁾ Richard ELLMANN, *Ao Longo do Riocorrente: ensaios literários e biográficos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

(9) Alfred GUEDEMANN, *Historia de la Literatura Latina*, Barcelona, Editorial Labor, 1952. Tradução livre.

de des Esseintes, mas de apontar uma vinculação entre o *fin de siècle* e a tradição cultural, bem como outros autores e obras que passam a servir de referência. Esse paralelismo e entrecruzamento constituem, ao nosso ver, o que há de mais interessante no livro. Des Esseintes organiza o mundo através do qual as concepções de Huysmans se revelam. E o estilo do romance explicita e é ao mesmo tempo explicitado pelas obras de referência que des Esseintes admira. Por exemplo, um de seus autores preferidos é Lucano. Este é por si só um representante da decadência latina, um período de transição e de mudanças que Huysmans coloca em paralelo à crise de seu tempo, trazendo para a atualidade a idéia de um ocaso. Por outro lado, o estilo de Lucano, de acordo com Alfred Gudemann em *Historia de la Literatura Latina*,⁵ é feito de “longas descrições, pinturas horríveis como as de seu tio, reflexões filosóficas, inclusive eruditas digressões científicas, como aquelas sobre as fontes do Nilo e a enumeração das serpentes africanas – todos esses, aspectos que não têm nada a ver com o curso da ação histórica”. Ou seja, o texto de Lucano é realizado em sua forma no texto de Huysmans, que através disso faz renascer uma possibilidade estética.

Esse movimento permite talvez a *Às Avestas* criar uma escola, um modelo de escrita através do qual seja possível expressar uma realidade e recriá-la. Porém, esta forma de realizar a narrativa, ao nosso ver, limita o impacto da ação da escritura. Sendo bem sucedida, no máximo constituirá uma realidade expressiva circunscrita ao interior de uma esfera decorativa, uma vez que a escolha inicial pelo esteticismo a mantém à parte do mundo real.

ABSTRACT: From reading J.-K. Huysman's book *Às Avestas* (*A Rebours*), the author reflects on the significance of the concept of decadency and its relation both with estheticism and the deception about reason, idealism and human perfectibility.

KEYWORDS: Symbolism; Decadency; Estheticism

Texto elaborado para a disciplina *Romance, Desromance, Re-romance*, ministrada pelo Prof. José Paulo Paes, no primeiro semestre de 1995.